Preço 1$00 — Quinta-feira, 26 de Julho de 1956 — Ano II - N.º 72

Semanário

A PROVÍNCIA

AVENÇA

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTE

Morreu o Padre Américo!

Eis o grito angustioso que atravessou Portugal, quando tal notícia correu célere.

Desaparecera da terra portuguesa, vitimado por um trágico desastre, *um bom, um sacerdote do Bem, um alto e abnegado espírito cristão!*

O seu nome e a sua obra andavam na boca do povo como um evangelho, e não havia ninguém, absolutamente ninguém, que não lhe testemunhasse profunda admiração.

A sua dedicação pelos «rapazes da rua», que tão fundas raízes criou na alma dos bens intencionados, imortalizou-o.

O seu exemplo de apóstolo e de estrénuo amigo dos pobres, foi uma lição de bondade neste momento de tanto egoísmo. A Casa do Gaiato, que ele amava com entranhado afecto, é um monumento que ensina e educa.

Assim esse exemplo e esse monumento servissem para indicar, aos que podem, como se praticam as doutrinas de Cristo sobre a Terra, a fim de honrarem a memória daquele que tão bem as soube interpretar.

Que a Mocidade fixe esse nome, esse exemplo, esse monumento, — como sintoma de infinita gratidão!

Que todos que vivem pelo coração, quer deste ou quer daquele credo, meditem sobre essa obra sublime e saibam cooperar e auxiliar e ajudar todas as instituições que tenham por objectivo o Bem da Humanidade!

Que todos os portugueses sintam a perda daquele que, na manhã de 16 do corrente, deixou este mundo infortunadamente, legando aos contemporâneos e compatriotas um facho de luz que ilumina as consciências e irradia beleza deslumbrante!

O PADRE AMÉRICO ficará na história do seu tempo como argumento poderoso que demonstra a força da Abnegação e do Altruísmo.

A Obra da Rua perdeu o seu mais valioso esteio; mas, se ainda não emurcheceu de todo em Portugal a flor do Sentimento, esperamos que não tivesse sido infrutífero o seu esforço e a sua constante canseira em prol da Criança desamparada.

Escutem as almas! Repitam em prece os lábios dos que sofrem, dos que vivem pelo Espírito, dos que exercem a Caridade com devoção:

— Morreu o Padre Américo! Morreu um Homem Bom! É preciso que todos sejamos um pouco do que ele foi.

Poetas de Portugal

«Mea Culpa»

Oh virgens sonhadoras, lábios quentes,
Cravos ardentes, rubros, palpitantes,
Bebi nas vossas taças olorantes
Beijos errantes, ávidos, frementes!

Oh cabecinhas loiras, inocentes,
Flores cadentes de aras deslumbrantes,
Chorastes, no meu peito, agonizantes,
A honra dantes, que eu vos roubei, crentes!

Agora, em luto, em dor, em agonia,
Eu gemo, eu grito, eu choro a minha orgia,
Qual grilheta chumbado ao seu castigo...

Samaritano, dá-me o teu bordão.
A estrada é longa, grande a cerração
E eu só não posso... leva-me Contigo!

João Pereira Bastos

A Ambição é que dementa

Por ÁLVARO VALENTE

Os assisados disfarçam, mas não resistem. Questão de capa açucarada, envoltória dos intentos que os instintos causam...

Todo o ser humano se desmantela e destrambelha perante a ânsia de subir ao país de Cocanha, que a Imaginação criou para lhe dar uma das finalidades da vida.

Se não houvesse aquela Imaginação, os homens bocejavam sincrònicamente e, à falta de incentivo e de preocupações, dormiam ou divagavam como aranhas em busca de moscas.

Foi assim que nasceram as ficções.

O brilho que deslumbra, a posse que traz a superioridade, as insígnias que provocam o orgulho, as aparências que iludem e as grandezas que encobrem, foram produtos imaginativos de origem falsa mas necessária ao animismo geral.

Levados, então, pelos ímpetos da concupiscência e do egoismo sem peias, os homens desceram aos processos inqualificáveis e deixaram para trás os irracionais.

Basta que se lhes aponte o local dum provável tesouro, as areias duma possibilidade aurífera, as rochas duma sonhada fonte de pedras preciosas, para mostrarem a nudez dos sentimentos íntimos.

Andam léguas em desespero, passam as maiores inclemências, sofrem a fome e a sede, caem, tombam inanes, trucidam-se mùtuamente, mas não desistem nas caminhadas para o eldorado.

Depois, dementados pelas ficções criadas, cavam, rebuscam, revolvem, destroem a dinamite as entranhas da Terra, e deliram em frente dum pedaço de volfrâmio baço, em frente duma pitada de pó que faísca, em frente dum líquido que espirra e se inflama!

As mãos ficaram escalavradas, e dos corpos exaustos escorrem bagadas de suor e sangue; mas as mentes não sossegam.

Antevêem no fundo misterioso dos socalcos a felicidade, a chama irradiante que lhes iluminará a estrada do futuro e lhes dará talvez poderio, independência, supremacia.

E então, deslumbrados com os quadros fictícios, atropelam-se e esmagam-se na corrida ao fascínio das aventuras.

Chama-se a este estado angustioso *ambição* e é por causa dele que os homens se degladiam e as nações se esfrangalham, perdendo a moral que redime.

E dá-se com a ambição um fenómeno idêntico ao da sede: quanto mais água se bebe mais apetece beber!

O bom senso a gritar, «já chega, já chega»; e ela, a matrona desgrenhada, de olhos esbugalhados, faces queimadas pela aridez dos climas, sentidos perto da loucura, grita por sua vez: «quero mais, quero mais. Ainda não estou satisfeita!»

A insatisfação não tem limites. Os homens passam de piscos a águias e querem furar o Infinito com as asas da sua quimera.

Chegaram à Demência.

O que se há-de esperar de dementados ambiciosos?

Erros, faltas, crimes.

Convencionou-se que o oiro seria o rei dos metais e do mundo.

E, em virtude desta convenção, os tripúdios instalaram-se na vida, seleccionaram e originaram as castas.

Como é posssível a Fraternidade?

O ambicioso dementado não conhece o companheiro, o amigo, o irmão. Formou um cofre dentro dele, para seu uso exclusivo, e só vive para o encher, para o abarrotar.

E, impulsionado pela força dominadora, volve, revolve, esgatanha, fura, perfura, e traz para a superfície das suas conquistas o ódio e a guerra.

Sobre estes dois polos assenta e gira o código universal, com diplomacias comerciais que procuram resolver os conflitos por meio de artifícios.

Para além da Imaginação humana, prepondera também a constituição do globo terrestre.

Se o globo fosse todo constituído por oiro, não haveria ódios nem guerras. O oiro nada valeria, pois bastava um pontapé para se ter um quilo.

Como é, porém, constituído por terra, pedra, e água, os homens matam-se mùtuamente para obterem um grama, cavando, raspando, peneirando.

A raridade é que o valoriza. O brilho metálico é que enlouquece a Humanidade, sempre em busca da ficção que cega.

Recordação das Festas Populares de S. Pedro

A nossa gravura representa o momento em que o sr. Presidente da Câmara Municipal de Montijo, José da Silva Leite, cortava a fita simbólica do início das festividades. Estavam presentes: alguns vereadores, a Comissão das Festas, a Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro, a Banda Democrática 2 de Janeiro, e muito povo.

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa
Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias excepto ás sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva
Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia
CLINICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz
Interno dos hosp. civis de Lisboa
Doenças da boca e dentes
Dentes artificiais
Consultas às 2.as e 6.as feiras
às 14 horas.
R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr.ª Isabel Gomes Pires
Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.as e 6.as feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º-Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina
Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira
Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Advogados

Dr. Alberto Cardoso do Vale
Escritório: Praça da República, 4
MONTIJO

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar
Luís Moreira da Silva
Rua Almirante Reis, 27
Telefone 026 114
MONTIJO

Telefone 026 567
Para boas Fotografias
Foto Montijense

MONTIJO

Sociedade F. 1.º de Dezembro

Sua viagem a Espanha e intervenção nas festas do Senhor dos Aflitos, em Bouzas

Tal como prevíramos, a 1.º de Dezembro obteve um êxito triunfal na sua viagem a Espanha e na colaboração que ali foi prestar àquelas festas.

A Banda saíu de Montijo na sexta feira, 13, pelas 14 horas, em auto-carro. A Direcção, composta pelos srs. Abílio da Silva Diniz (presidente), José Sequeira, José Sampaio Sobrinho, Carlos Gouveia, Emídio Tobias e José Duarte, e o seu regente, sr. António Gonçalves, já tinham partido de manhã.

Depois de ficar nesse dia no Porto, a Banda seguiu para Vigo no dia seguinte, onde chegou pelas 14,30.

Às 19 horas dava entrada em Bouzas, onde a aguardava uma entusiástica recepção.

À Comissão das Festas, da presidência de D. Lorenzo Montenegro Costas, acompanhada por uma grande multidão, dispensou à 1.º de Dezembro um carinhoso acolhimento, realizando-se no salão do Café do presidente um «copo de água» muito afectuoso.

Em seguida, fez-se a tradicional volta à terra, em cumprimento festivo.

Bouzas é um importante centro de pesca, à beira da ria de Vigo, com suas indústrias de conservas, máquinas de costura e outras menores, e sua interessante praia de Samil.

As festas em causa, que ali se efectuam todos os anos, dão-lhe uma vida extraordinária, acorrendo de Vigo e cercanias muitos milhares de pessoas.

Segundo nos informam, as ornamentações e arraiais estão muito longe dos das nossas festas de S. Pedro, com excepção do fogo de artifício que ali foi muito superior ao nosso.

Logo nesse dia de sábado, 14, a Banda deu dois concertos na Alameda, um antes do jantar e outro depois, sendo muito aplaudida em ambos pelo numeroso público que assistiu.

O último concerto deste dia terminou pelas duas e meia da madrugada.

No Domingo, 15, pelas 8 horas, partiu a Banda de Vigo, onde ficou todas as noites, para fazer a alvorada.

Abrilhantou a procissão e deu dois concertos, = um das 13,30 às 14,30, e outro das 23,30 às 2 e 30.

Deram também concertos as Bandas Municipais de Vigo e Redondela, e a de Ribadávia.

A Banda Municipal de Vigo é um importante agrupamento musical, de 60 figuras; mas a opinião geral do público espanhol era de que a 1.º de Dezembro agradava mais, pela suavidade, pela perfeita execução.

Os dois concertos desse dia foram dois autênticos sucessos.

Na segunda feira, 16, novamente alvorada e volta a Vigo para almoçar.

Antes do almoço, porém, cumprimentou-se o *ayuntamiento* e o nosso cônsul, trocando-se amistosas saudações.

Neste dia houve mais dois concertos: um das 19 horas às 21,30, e outro das 23,30 até às 2,30.

Após o último, realizou-se no mesmo salão da chegada o «copo de água» da despedida, usando da palavra o presidente da Comissão, o maestro regente da 1.º de Dezembro, e o presidente da Direcção da Banda, reinando sempre o maior entusiasmo e a mais franca animação.

Pelas 8,30 de terça feira, 17, a Banda regressava a Portugal e à sua terra.

O almoço foi em Braga; o jantar e a dormida em Coimbra.

Ainda aqui se ultimavam os festejos da Raínha Santa.

Na quarta feira, 18, deu-se a partida para Montijo.

O almoço foi em Tomar. Visitaram Fátima e a Barragem do Bode.

Finalmente, pelas 19,30 chegavam à nossa terra.

Recepção calorosa. Girândolas de foguetes e morteiros atroando os ares.

Muita alegria, muita satisfação.

A Banda honrara o seu estandarte e Montijo.

Tudo decorrera pelo melhor, sem o menor incidente desagradável.

Pontevedra e Vigo preparam-se para, no ano próximo, ali levarem a 1.º de Dezembro às suas festas.

Os jornais de Vigo fazem as mais elogiosas referências à nossa Banda e aos seus concertos, dizendo que «ela alcançou um clamoroso êxito com a interpretação de obras selectas» e que fora largamente ovacionada pelo numeroso público assistente.

Daqui felicitamos a Banda 1.º de Dezembro, o seu maestro, e a Direcção, pela sua brilhante viagem a Bouzas, pelo sucesso prestigioso das suas actuações, pelo feliz regresso à nossa terra, que todos tanto dignificaram.

Praça de Toiros

O nosso silêncio a este respeito, de há tempos a esta parte, não implica desânimo ou falta de vontade da respectiva Comissão.

Estava decorrendo o prazo do concurso e depois a abertura das propostas apresentadas.

Tudo isso passou já e agora trata-se da apreciação dessas propostas, as quais, diga-se de passagem, se apresentaram, com excepção da do sr. engenheiro Santos Fernandes bastante elevadas.

Está neste momento a Comissão procedendo ao estudo das possibilidades futuras, a fim de tomar as suas definitivas resoluções.

Tudo leva o seu tempo, e assim, temos que nos encher de paciência.

Mas, — desanimar — hesitar um momento — isso nunca!

Uma Carta

A propósito da nossa local «Frequência de desastres de viação», publicada no último número, recebemos uma carta do sr. Artur Lucas que não podemos publicar neste número por absoluta falta de espaço, do que pedimos desculpa.

Será publicada no próximo número... e bem assim a respectiva resposta.

Meritíssimo Juiz da Comarca

Regressou a Lisboa, depois de novamente operado em Lião, o Dr. José Maria Pereira de Oliveira, digno juiz da nossa Comarca.

Temos o grande prazer de comunicar aos nossos leitores que regressou quase restabelecido da enfermidade que o atingiu.

Fazemos sinceros votos para que o completo restabelecimento se realize em breve, a fim de que volte à sua Comarca que tanto o estima e admira.

José Teodósio da Silva
(Herdeiro)
Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)
Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junípero, Cremes de todas as qualidades, etc.
Fabricos pelos sistemas mais modernos.
Rua Formosa 8 — Telef. 026204 — 9
MONTIJO

Ligações entre Montijo e Setúbal

Não se compreende como, sendo Setúbal a sede do nosso Distrito, esteja tão mal ligada com o importante Concelho de Montijo, no que diz respeito a transportes.

Se não fora o combóio, estariam completamente desligados...

Até certa altura, era o estado da estrada que servia de desculpa, embora se vissem carreiras de camionetas por estradas bem piores, como por exemplo, a que desta vila conduz a Pegões.

Agora, porém, que a estrada já se encontra muito regular, não tem lugar a desculpa.

Porque se não fazem, portanto, carreiras de camionetas entre Setúbal e Montijo?

Além de razoável, era extraordinàriamente vantajoso, dadas as relações contínuas entre as duas localidades.

Esperamos que o caso seja ponderado e se resolva, por ser caso de tamanha importância para a terra montijense.

LUTUOSA

No dia 22 do corrente faleceu nesta vila o sr. Manuel Domingos Taneco, comerciante, e um dos primeiros assinantes do nosso jornal.

Com profundo pesar noticiamos o passamento do inditoso amigo, geralmente estimado na nossa terra, e rendemos à sua memória as nossas homenagens.

A toda a família de luto, as sinceras condolências de «A Província».

Desastre?

No passado dia 20 do corrente, foi encontrado, na estrada do Samouco, junto da bicicleta que levava, o nosso prezado assinante sr. João Simões Tavares, de 59 anos, industrial de padaria, residente em Montijo.

Conduzido ao nosso hospital, aí lhe prestaram os primeiros socorros, sendo depois transportado para os Hospitais Civis de Lisboa, por suspeita de fractura de crâneo.

Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

Concurso Hora Feliz

Continua em pleno sucesso este Concurso que, também numa Hora Feliz, a Ourivesaria e Relojoaria Contramestre, da Praça 1.º de Maio, em Montijo, iniciou.

No dia 19, ao meio dia, abriu-se novamente o relógio confiado à nossa guarda.

Parara nas:
11 horas e 58 minutos.

O cupão premiado pertencia a sr.ª D. Maria da Luz, rua Central — 6 — em Montijo.

Por que espera?

Inscreva-se imediatamente no CONCURSO HORA FELIZ!

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 16, o Sr. Francisco Manuel Lopes Soeiro, filho do nosso dedicado assinante Sr. Avelino José Soeiro.

— Dia 19, o nosso dedicado assinante Sr. Avelino José Soeiro.

— Dia 20, a Sr.ª D. Maria Carvalheira da Costa, Esposa do nosso prezado assinante Sr. Virgílio Martins da Costa Jor.

— Dia 22, o Menino António João Lopes Soeiro, filho do nosso dedicado assinante Sr. Avelino José Soeiro.

— Dia 24, a Menina Maria Amélia Fernandes Barreiros, filha do nosso prezado assinante Sr. Carlos Barreiros.

— Dia 25, a Sr.ª D. Idália dos Santos Rosa Marques, esposa do nosso dedicado assinante Sr. Abel Tobias Marques.

— Dia 25, a Menina Maria Helena da Silva Santos, sobrinha da nossa dedicada assinante Sr.ª D. Aurora da Silva.

— Dia 26 o Sr. Abílio de Jesus Panelas, nosso prezado assinante.

— Dia 26, o menino Joaquim Manuel da Cruz Caria, filho do nosso dedicado assinante, Valentim José Narciso Caria.

— Dia 29, o Sr. José Martins Soares, Avô da nossa mais jovem assinante, Menina Maria de Lourdes S. Jesus.

— Dia 30, o Sr. António José Veríssimo, nosso dedicado assinante em Lisboa.

— Dia 31, a Menina Maria Virgília Carvalheira da Costa, filha do nosso prezado assinante Sr. Virgílio Martins da Costa Jor.

— Dia 31, Carolina Caria da Paz, sobrinha da assinante Cristina Cheirada, de Vila Franca de Xira.

— Dia 31, o Sr. António Jacob Castiço, pai do assinante Carlos José de Sousa Castiço.

Hospital Subregional de Montijo

Operações

DIA 12:

Adelaide Augusta, de 30 anos de idade, residente na R. Joaquim de Almeida;

Maria Lucília Cardoso, de 22 anos, residente na Lançada;

Ermelinda Ferreira Coutinho, de 9 anos, residente no Campo da Forca;

Ermelinda dos Santos Claro, de 30 anos, residente no Afonsoeiro.

Maria Amélia, de 36 anos, residente no Alto das Barreiras;

Maria Manuela Martins de Almeida, de 7 anos, residente na Rua Almirante Reis, 112;

DIA 14:

Operado de urgência, José Manuel Oliveira, residente na Lançada; — todos do Concelho de Montijo.

Agradecimento

Albino dos Santos Leonardo vem por este meio agradecer, muito reconhecidamente, ao Ex.mo Snr. Dr. Eduardo Marques Perdigão a solicitude com que o tratou quando da operação a que foi sujeito há dias, no hospital da Misericórdia de Montijo.

Igualmente segue o seu reconhecimento para os Ex.mos médicos assistentes e restante pessoal deste estabelecimento hospitalar.

Fotofilme

Trabalhos para amadores
Fotografias d'Arte
Aparelhos Fotográficos
Reportagem Fotográfica
ao ulbão Pato, 11 - MONTIJO

A Província» — N.º 72 - 26/7/1956

Tribunal Judicial da Comarca de Montijo

Anúncio

Pelo Juizo de Direito da comarca de Montijo e 1.ª secção se faz saber que se acha designado o dia 12 de Outubro próximo, pelas dez horas, para a arrematação, em hasta pública, à porta deste Tribunal e em 2.ª praça, dos bens móveis e imóveis, penhorados nos autos de Execução Fiscal Administrativa que o digno Agente do Ministério Público, como representante da Fazenda Nacional, move contra os executados António da Costa e esposa Ana dos Anjos Seabra, proprietários, residentes em Alcochete, desta comarca, para deles haver a quantia de 591.260$30, nos citados autos.

BENS A ARREMATAR

N.º 1

Um prédio urbano, composto de rés-do-chão e 1.º andar no sítio dos Estaleiros de Alcochete, inscrito na matriz predial urbana sob o art.º 1.292 e que vai à praça por 23.328$00.

N.º 2

Um prédio urbano sito nos Estaleiros, ou Praia de Alcochete, constituído por um pátio descoberto e murado, inscrito na matriz sob o art.º 714. que vai à praça pelo valor de 780$00.

N.º 3

Um prédio urbano com 3 divisões, destinadas a habitação, sito em Monte Novo, freguesia e concelho de Alcochete, inscrito na respectiva matriz, sob o art.º 1.188 e que vai à praça pelo valor de 15.552$00.

N.º 4

Um prédio urbano com 3 divisões destinadas a habitação, sito em Monte Novo de Alcochete, inscrito na respectiva matriz sob o art.º 645 e que vai à praça pelo valor de 3.456$00.

N.º 5

Um prédio urbano composto de rés-do-chão e 1.º andar com 6 compartimentos, sito na Rua do Espírito Santo, da vila de Alcochete, inscrito na respectiva matriz, sob o art.º 256 e que vai à praça pelo valor de 10.224$00.

N.º 6

Um prédio composto de rés-do-chão e 1.º andar com 6 compartimentos, sito no Largo Coronel Ramos da Costa, de Alcochete, inscrito na matriz sob o art.º 578 e que vai à praça por 7.200$00.

N.º 7

Um prédio urbano, composto de rés-do-chão e 1.º andar, com 8 divisões, sito na Rua do Século, da vila de Alcochete, inscrito na respectiva matriz, sob o art.º 438 e que vai à praça pelo valor de 12.960$00.

N.º 8

Terra de semeadura, com dezoito oliveiras, 1 figueira e três damasqueiros, sito em Bracieira, freguesia de Alcochete, inscrita na respectiva matriz sob o art.º 741 e que vai à praça pelo valor de 4.116$00.

N.º 9

Terra de semeadura com vinha, 1 pereira, e um damasqueiro, sito em Canto do Pinheiro, freguesia e concelho de Alcochete e inscrita na respectiva matriz sob o art.º 679 e que vai à praça pelo valor de 1.020$00.

N.º 10

Terra de semeadura com vinha, 30 oliveiras, e 4 figueiras e damasqueiros, sito em Canto do Pinheiro, de Alcochete, e inscrita na respectiva matriz sob o art.º 676 e que vai à praça pelo valor de 3.228$00.

A sisa fica por inteiro a cargo do arrematante.

MÓVEIS

N.º 1

Duas balanças decimais usadas.

N.º 2

Duas mesas secretárias em mau estado.

N.º 3

Uma tulha em madeira, género armário com gavetas.

N.º 4

Dois macacos em ferro, para içar embarcações.

N.º 5

Seis cadernais em madeira e ferro.

N.º 6

Uma caldeira em ferro para derreter breu.

N.º 7

Um lote de madeira, proveniente de embarcações desmanchadas.

N.º 8

Uma balieira em estado de nova e não acabada.

N.º 9

Duas cartolas muito usadas, cada uma com a capacidade de 250 litros.

N.º 10

Um barril usado a alcatrão com a capacidade de 100 litros.

N.º 11

Uma banheira de folha, bastante usada.

N.º 12

Um lote de madeira (costaneiros)

N.º 13

Um lote de madeira (costaneiros).

N.º 14

Um lote de tijolo de barro, cosido, aplicável a construção.

N.º 15

Vária madeira usada de diferentes dimensões e aplicações espalhada nos prédios, onde todos os móveis penhorados se encontram.

N.º 16

Um barco para transporte de mercadorias, n.º B — mil duzentos e noventa e sete F. L. de dezoito toneladas.

Montijo, 7 de Julho de 1956.

O Chefe da Secção,

a) António Paracana

Verifiquei a exactidão:

O juiz de direito, 1.º subst.º

a) José Luís M. de A. Fernandes

Pneus

Novos, diversas marcas, com descontos de 12 a 14% ao preço da tabela, em 12 prestações mensais.

Agente em Montijo, Francisco José da Silva-Telef. 026150

Marcha Popular dos Pescadores de Montijo

Fez esta Marcha a sua exibição em Montijo, no passado dia 23 do corrente e na esplanada da Banda Democrática 2 de Janeiro.

Tivemos o prazer de assistir e, por isso, é com conhecimento de causa que escrevemos.

Todas as vistosas marcações nos deixaram a melhor impressão, já pela exactidão dos movimentos, já pelo à vontade dos executantes.

Todo o programa, sem favor, foi entusiàsticamente aplaudido, pois mais parecia tratar-se de artistas consumados do que de simples amadores.

A Marcha dos nossos pescadores, que em Setúbal alcançara um retumbante êxito, pode afoitamente deslocar-se a qualquer outra localidade. Tem vida, tem colorido, tem personalidade, e, seja onde for, há-de sempre prestigiar a nossa terra.

Felicitámos o seu organizador e ensaiador, sr. Victor M. Vasques, acto seguido à exibição, e aqui reiteramos as palavras que lhe dirigimos em nome de «A Província» e em nome individual.

Felicitamos, de igual forma, todos os componentes e os corpos directivos da Marcha.

A todos, os nossos sinceros parabéns.

No intervalo, tivemos também o prazer de escutar a menina Maria Levi Ramos Dias no seu acordeão, — a qual constitui, desde já, uma graciosa promessa futura.

Recebeu fartos aplausos, absolutamente merecidos.

Intervieram ainda, em declamações e recitativos: Francisco Cacheirinha e Augusto de Brito, que foram igualmente muito aplaudidos.

O locutor, Luís Onofre, deliciou a assistência com sua *verve* e disposição admirável.

Enfim, uma noite que não esquece e que demonstrou à evidência a possibilidade de em Montijo se organizarem mais espectáculos bem interessantes e culturais.

Oferece-se

— GUARDA-LIVROS ou chefe de escritório, oferece-se para serviço efectivo ou em regime livre. Informa Antunes & Oliveira, Lda. — Praça Gomes Freire 21 — MONTIJO.

DA ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS

União Mutualista Nossa Senhora da Conceição

recebemos a seguinte carta que gostosamente publicamos:

Sr. Director do Semanário «A PROVÍNCIA».

Montijo

«Pró Casa da Criança»

Com os nossos melhores cumprimentos temos a honra de levar ao conhecimento de V. que, por eleições de ontem, foi hoje empossada a nova Comissão Pró Casa da Criança em Montijo, pelo que a mesma ficou assim constituída:

Presidente: António Tavares Marques; *Tesoureiro:* Francisco Neto dos Santos; *Secretário Geral:* José Júlio Valério Rodrigues; *Secretário - Adjunto:* António José Rufino dos Santos; *Vogais:* José Maria de Oliveira J.or e Carlos Tavares Ramos Cardeira.

Para dirigir o Boletim, foram nomeados os Srs.: Joaquim da Silva, António João Manhoso Marques, Amândio José Correia de Carvalho e Manuel Gouveia Ferra.

Para a Secção de Obras, o Sr. António Manuel da Silva.

Aproveitamos para agradecer a V. as referências ultimamente feitas no vosso jornal e bem assim o oferecimento das colunas do vosso excelente semanário para defesa e propaganda da nossa CAUSA — A Casa da Criança —, o que registamos com satisfação.

Mais uma vez gratos por tudo, nos subscrevemos com estima e consideração.

POR UM MONTIJO MELHOR

Pela Comissão da Casa da Criança

O Secretário Geral;

a) — *J. Júlio Valério Rodrigues*

N. R. — A presente carta mostra-nos que a Casa da Criança em Montijo caminha, finalmente, para realidades. Muito nos apraz registar no nosso semanário este facto e congratulamo-nos sinceramente com as resoluções tomadas.

Vamos, pois, trabalhar todos para que Montijo possua essa Casa da Criança a que tem jus.

Aqui estamos para quanto for preciso, de acordo também com a nossa divisa:

POR UM MONTIJO MELHOR

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 26 — *Giraldes*
6.ª-feira, 27 — *Montepio*
Sábado, 28 — *Moderna*
Domingo, 29 — *Diogo*
2.ª-feira, 30 — *Giraldes*
3.ª-feira, 31 — *Montepio*
4.ª-feira, 1 — *Moderna*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.ª-feira — às 9 e 10 horas.

6.ª-feira — às 8,30 e 9 horas.

Sábado — às 6 e 10 horas.

Domingo — às 8, 9, 10 e 11,30 horas (Atalaia) — 11,30 e 18.

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Presbiteriana, Rua Santos Oliveira, 4, Montijo.

Domingos — Escola Dominical às 10 horas, crianças, jovens e adultos. Culto divino às 11 e às 21,30 horas.

Quartas Feiras — Culto abreviado com ensaio de hinos religiosos às 21,30 horas.

Sextas Feiras — Reunião de Oração às 21,30 horas.

No segundo Domingo de cada mês celebração da Ceia do Senhor, mais vulgarmente conhecida por Eucaristia ou Sagrada Comunhão.

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 26; O *filme* com a extraordinária Sophia Loren, «Que Pena Seres Vigarista», com complementos curtos e Revista Paramount.

Sábado, 28; «Invasores» com o «Julgamento do Cardeal Primaz», e Imagens de Portugal.

Domingo, 29; O *filme* em Cinemascópio «A Última Batalha».

2.ª feira, 30; Silvana Pampanini em «Princesa das Canárias».

4.ª feira, 1 de Agosto; Início dos espectáculos populares, «O Grande Jogador», com «Tripoli».

Vendem-se

— TELHA PORTUGUESA, usada, pequena quantidade, em boas condições. Tratar na Rua da Aldeia Velha, 11 — Montijo.

— MOBÍLIA de casa de jantar (antiga), cofre, e fogão a lenha, vendem-se. — D. Morais — MONTIJO.

— Grupo MOTO-BOMBA de 1" 1/2, com um lance de tubo de borracha de 6 metros, o melhor que há. Ferro automático. Completamente novo — Informar e ver — Pascoal — Rua da Barrosa, 39 — MONTIJO.

— PRENSA completa para espremer bagaço de Uva. Informa F. Rosa & Irmão, Ld.ª Montijo.

— PEDRA para construção e CALCÁRIO, isenta de sílica. — Trata António Manuel Rapaz — SESIMBRA.

Trespassa-se

— Por motivo de doença, trespassa-se taberna com habitação, no Afonsoeiro. — Informa-se nesta Redacção.

Aluga-se

— QUARTO bem situado, com bastante ar. — Informa-se nesta Redacção.

Telefones de urgência

Hospital, 026 046
Serviços Médico Sociais, 026 198
Bombeiros, 026048
Taxis, 026025
Ponte dos Vapores, 026 425
Polícia, 026 144

O actor Artur Semedo realizou o seu primeiro filme:

O DINHEIRO DOS POBRES

A informação de que o actor do nosso teatro declamado, Artur Semedo, intérprete de várias películas, dentro as quais «Saltimbancos», realizara o seu primeiro *filme* suscitou-nos o interesse, aliás compreensível, de obtermos notícias mais concretas sobre este acontecimento que, na hora que passa, representa um acto de heroismo de quem quer que a tal se arrisca, considerando o conceito anti-patriótico duma grande maioria do nosso público que só se interessa pelo cinema estrangeiro.

Quisemos ouvir o novo realizador sobre a origem do seu caso, ao que, com a sua afabilidade indesmentida de alentejano, acedeu desde o primeiro momento em responder às minhas perguntas. E ante a minha primeira pergunta o ilustre artista elucida-me:

—Pensei fazer um *filme*, ideia esta que aliás já de há muito germinava no meu espirito e após várias escolhas de originais, de colaboração com César de Sá, a nossa preferência recaiu sobre uma peça de minha autoria, que serviu de prova para o meu exame no Conservatório Nacional. Confesso que quando terminei o dito exame e meti aquele original na gaveta da minha secretária, nunca supus que um dia este viesse a ser transplantado para a tela cinematográfica.

—Pode dizer-me o título dessa sua primeira produção?

—«O dinheiro dos pobres» e espero que seja estreiado ainda esta época.

—O que pensa da sua primeira realização?

Com toda a simplicidade Artur Semedo explica:

—Não quero aventar hipóteses, pois só o público pode ser o juiz do meu trabalho. Contudo garanto-lhe que apesar de ser um *filme* modesto, tentei ir ao encontro da sensibilidade do público, apesar de tudo, e só por isso tenho toda a minha fé na minha realização.

—Quem são os intérpretes principais?

—Vasco Santana, António Silva, Gabriel Pais, Carlos Walenstein, Emilio Correia, Isabel de Castro, Maria Brandão e Clarisse Belo.

—Pensa realizar mais películas, se bem que não tenha ainda o «veridictum» do público?

—Penso realizar a seguir «História dum professor primário», sobre um argumento meu e tendo como intérpretes Vasco Santana e Eunice Muñoz.

Mas abramos um parêntese e analisemos os antecedentes da cultura e da carreira artística do entrevistado, como báse do sucesso que lhe auguramos na sua estreia como realizador cinematográfico, através duma outra fase desta entrevista que reputamos de sensacional.

—Em que peça e quando se estreiou no teatro?

Uma entrevista de

Aníbal Anjos

—Foi em 1947, na comédia «O preço da honestidade», no Teatro do Ginásio, tendo mais tarde transitado para os Comediantes de Lisboa, em cujo repertório actuei em «Dama das Camélias», no papel de Gastão, «Rosa Engeitada», «Três rapazes e uma rapariga», «Ventania», de Francisco Rebelo, «Dom Beltrão de Figueiroa», e «De braço dado», com Maria Lalande, além de muitas outras peças que seria ocioso enumerar.

—Se não fosse actor, que profissão gostaria de ter?

—A de actor!...

Ante a minha admiração em face de tal resposta, Artur Semedo sempre amável e franco, esclarece:—

—Fiz quase todo o curso do Colégio Militar, donde saí para continuar os meus estudos na Universidade de Coimbra, onde permaneci dois anos. Todavia, a minha paixão pelo teatro perseguia-me e resolvi abandonar tudo para ingressar no Conservatório Nacional cujo curso concluí.

—Qual das suas artes prefere? Teatro ou cinema?

—Prefiro ambas. O teatro como actor, e o cinema como realizador.

—O que pensa da crise actual do teatro?

—Que a mesma é devida a não se ter ainda encontrado, depois da última guerra, uma nova expressão teatral; se depois da guerra de 1914-18 se encontrou uma expressão teatral, que satisfez até à eclosão do segundo conflito mundial, o mundo teatral encontra-se de novo a braços com esse tremendo problema, tentando novas fórmulas, novas técnicas, e no dia em que se tiver resolvido esse problema capital, a crise do teatro estará resolvida. Contudo, deixe-me dizer-lhe que enquanto o teatro for teatro, com palco e plateia, ele terá que ser sempre o mesmo.

—Acha que em teatro um artista pode ser sóbrio, natural, como no cinema?

—Não. No palco o actor tem que ser teatral, porque, de contrário morreria.

O actor no palco tem de imitar determinado personagem teatralmente, e nunca sê-lo inteiramente, de maneira que o público ao sair diga: «como ele vai tão bem no seu papel!»—porque nisso reside a arte do comediante.

—Conte-nos um episódio cómico da sua carreira de artista?

Artur Semedo medita um pouco, e depois conta-nos o seguinte:

—Foi durante a filmagem de «O dinheiro dos pobres». Eu trocara o meu carro por um Simea. Vasco Santana, sempre cheio da sua *verve*, disse-me um dia: Pronto. Os italianos já tinham o Victor de Sicca. Nós, como não o podemos ter, temos agora o Artur... de Simea.

Neste momento ouviu-se a campainha do contra-regra. Era a vez de Artur Semedo entrar em cena, na sua actuação em «À esquina da noite», no Avenida. E com o seu sorriso afável de alentejano, o realizador de «O dinheiro dos pobres» despediu-se e correu para a cena.

Publicações Recebidas

— **Plateia** —N.º 128—Revista Popular de Cinema, Director *Baptista Rosa*.

O número presente muito interessante, como os anteriores.

A começar pela capa, — Belinda Lee, sugestiva e tentadora como uma tarde calmosa de praia movimentada, e a terminar em «cine-reporter», todo o semanário é um encantamento.

Nele perpassam cenas de películas em realização, pormenores da vida de artistas mais ou menos conhecidos, biografias, inquéritos curiosos, discos, consultório dos cinéfilos, — muitos e muitos retalhos cinematográficos que tornam a revista um belo repositório da especialidade.

Sempre gratos pelo exemplar.

— **Cultura** — N.º 4 — Educação Popular, Director *Dr. Frazão de Faria*.

Este número respeita aos meses de Julho e Agosto.

Podem ler-se:

—Carta ao leitor amigo; A moeda; humanismo e técnica no ensino; a arte árabe; literatura policial; poetas portugueses; higiene em alimentação; as velhas raças do novo mundo; a borracha; esperanto; Leonardo da Vinci; e as duas secções de português e contabilidade.

O papel divulgador desta revista de cultura popular e portuguesa, é notável.

Basta anotar os assuntos nela tratados e profundar os trabalhos que publica, para assim concluirmos.

O leitor ganha sempre com essa leitura, porque, além da diversidade, encontra um manancial de conhecimentos e de ensinamentos que muito lhe aproveita.

E obrigados pelo exemplar que nos enviaram.

Folha ao Vento...

Paul Loken, cheio de personalidade, saiu do seu rico automóvel, em Nova Yorque, à porta dum dos mais importantes estabelecimentos de modas da 5.ª Avenida, seguido por uma gentilíssima dama, que pouco mais teria que vinte anos e dele distava uns trinta. Como estivesse a chover, acorreu prontamente o porteiro com um grande chapéu de chuva, para evitar que os clientes se molhassem e dessem entrada no estabelecimento bem sequinhos.

—A secção de peles?

—É no terceiro andar—informou um dos empregados, que os foi conduzindo até o elevador.

Uma vez chegados que foram à desejada secção, ali foram recebidos com grandes contumélias.

—V. Ex.as o que desejam?...

—Um bom casaco de peles—respondeu o sr. Loken.

—Que qualidade preferem V. Ex.as?...

—A senhora que escolha à sua vontade, enquanto eu fico a ler o jornal.

Uma hora bem contada, volveu a simpática cliente, acompanhada por uma das empregadas e trazendo vestido um rico *vison*, a qual, muito sorridente, disse ao sr. Loken que era daquele que gostava.

—Está bem. Se lhe agrada, ficará com ele. Quanto custa?

—20.000 dólares!—informou a empregada.

O sr. Loken nem pestanejou. Tirou da algibeira o livro de cheques e preencheu um deles com a indicação da referida importância. Depois de o entregar à empregada, bateu na testa com a mão e disse: «Agora me lembra que hoje é sábado e a esta hora os bancos estão já encerrados... Mas, não faz mal. A sr.ª fica com o cheque para mandar descontar ao banco aí indicado, na próxima segunda feira, e depois, o mais cedo que lhe for possível, manda entregar o casaco nesta morada»:—E imediatamente lhe entregou um cartão no qual descreveu a indicação da tal morada, que a beldade teve o cuidado de verificar se estava ou não certa...

Como o leitor pode calcular, os clientes foram acompanhados até a porta da rua e grandes foram as vénias que lhes foram feitas quando o automóvel se pôs em andamento.

Estamos agora na segunda feira seguinte. Cerca das onze horas batem à porta da casa do sr. Loken. Era a empregada do importante estabelecimento da 5.ª Avenida. Pediu para falar com urgência ao sr. Loken e, uma vez recebida, informou-o de que a casa havia mandado ao banco indicado e ali haviam dito não terem depositante algum com tal nome.

—Que grande novidade que a sr.ª me dá! Nesse sabia eu que não tinha nem um só dólar... Mas aqui tem uma boa gratificação pela maçada que lhe dei, e peço o favor de apresentar as minhas desculpas aos proprietários do estabelecimento e de lhes dizer que muito agradeço o bom fim de semana que me proporcionaram.

Zé dos Anzóis

Pela IMPRENSA

—*«O Cávado»*, que em Esposende se publica e de que é Director o sr. José Bernardino Amândio, completou no dia 15 do corrente 40 anos de existência.

Cumprimentamos afectuosamente o nosso colega, com quem gostosamente permutamos, endereçamos-lhe as nossas felicitações pelo aniversário, e desejamos-lhe longa e sempre próspera vida.

—*«A Planície»*, que em Moura se publica, sob a proficiente direcção de José Maria Varregoso, entrou no 5.º ano da sua existência,—facto que solenizou com um número comemorativo.

Saúdamos o confrade e desejamos-lhe muitos e muitos lustres em continuação, repletos de venturas e prosperidades.

Que não falte na sua mesa o café de

«A JAVANEZA»

Rua do Arsenal, 102
Telef. 22722

Enviam-se encomendas para a província

SANFER, L.DA

SEDE
LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS
MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

A Sereia de Torga

Ouvindo citar, há dias, a *boutade* que quer que a prosódia brasileira seja uma espécie de «português com açúcar», ocorreu-me aqueloutra, atribuída a Cervantes, que apresenta a portuguesa como um «castelhano sem ossos». E pensei uma vez mais: que teriam dito os latinos?

O certo é haver em tais *boutades*, como sempre, um fundo de verosimilhança caricatural que, no que respeita ao português, lembra imediatamente o clima peninsular em que a nossa cultura decorreu até ao século XVII, e bem assim a dependência literária então conhecida por escritores que quase sempre foram bilingues. Os nossos marcos culturais, com efeito, quando não são um sinal dessa dependência, limitam-se a indicar o influxo duma maturação alheia, a cujo evoluir fôramos estranhos. Se o nosso substracto social sempre acompanhou, como não podia deixar de ser, o ambiente geral condicionador da gestação dos novos surtos, fê-lo com um atraso que o impossibilitou de intervir com elementos próprios no processo em curso, dando a cada readaptação um aspecto inconfundível de hibridez e acanhamento. Às «novidades» que em quinhentos Sá de Miranda trouxe da Itália, seguiu-se a ocupação filipina; a esta, em seiscentos, o magistrado da escola de Gôngora e, em setecentos, o neo-humanismo de Verney, sob a forma estricta de um missionarismo epistolar prégado de além-fronteiras; veio em seguida um primeiro influxo de cultura francesa, que redundou num Boileau traduzido em arcádico e num Filinto Elísio retomando o género missionário do exílio; e quando, em oitecentos, o romantismo trouxe desse mesmo exílio a rosa dos ventos do europeísmo de então, foi ainda aos quadros do medievalismo que recorreu, numa tentativa de aclimatação, vindo a reencontrar por eles esse mesmo ambiente peninsular em que não conhecêramos um momento de verdadeira hegemonia cultural.

Voluntàriamente esqueço, nesta sinopse, a arte genuinamente popular, cujo emparedamento social impediu que mediasse e dominasse.

Daqui resultou, creio eu, o facto de a geração de setenta (ou melhor; a pléiade de críticos que através dos mais diversos géneros literários povoaram a história da nossa cultura no último quartel do século passado) ter cabido o destacado lugar que lhe conhecemos. Foi ela a primeira, com efeito, a rever criticamente a posição do problema, em função, por um lado, das indicações *teóricas* da cultura europeia, e, por outro, dos resultados *práticos* alcançados pelo nacionalismo renovador dos primeiros românticos. E não admira assim que seja com os problemas levantados por ela que toda a primeira metade deste nosso século de vinte se defronte, confronte e defina ainda. Em verdade, o relevo da sua perscruta foi tal, que ao próprio ideário da chamada geração de noventa tendemos a referenciá-lo exclusivamente (mau grado a oposição que parece estabelecer com o dela) pelo que há, no seu sentido, de percursor nas últimas obras dum Junqueiro, dum Eça ou dum Ramalho — pois depressa se esbateram perante essas (à excepção do Só) as que legou. E ainda hoje se compreende muito melhor, por exemplo, um Aquilino vendo nele a revisão e o reequilíbrio do que houve de mais significativo na pendência travada por Fialho com o Cafernaum da língua face à aliciante maturidade do francês; ou um Sérgio reconhecendo nele a sistematização crítica (e em certo sentido póstuma) do ideário que os homens de setenta legaram inçado de contradições e perguntas sem resposta; ou um Régio, recordando por ele o Antero da carta a Sterke, cuja fé ancestral só fora varrida afinal para o forro do soalho; etc..

A que propósito, porém, tudo isto? — Da leitura, que acabo de fazer, do sexto tomo do *Diário* de Torga. Só neste

Pelo Dr. Mário Sacramento

escritor vislumbro, com efeito, um reflexo actual — embora esfumado — da problemática ibérica revista por Antero e Martins e por este último como que inventariada, com vista à posteridade, através do debate dos prós e contras duma polémica que chegou a interessar os mais diversos sectores da nossa vida intelectual, e à qual o autor da *História da Civilização Ibérica* prestou a atenção reflexiva que a sua prolongada estadia em terras de Espanha, o seu amor da cultura espanhola e o seu familiar domínio da língua (em que chegou a fazer conferências) lhe propiciavam. Posteriormente, o fantasma de cabeceira que o iberismo chegara, em dado momento, a constituir para os escritores dos dois países, viu-se relegado pelo europeísmo abstracto. E só Torga vem fazendo ainda da promessa dos seus *Poemas Ibéricos* uma espécie de corca simbólica duma carreira de escritor que, sob esse aspecto, os seguintes versos, alusivos à Galiza, assim apontam neste volume: «só por seres portuguesa é que te quero... E por seres castelhana te acredito». Medite-se o significado implícito na dependência tributada às atitudes afectiva e intelectual despertada pelo objecto, e ter-se-á a medida do desencontro atrás esboçado.

Não é, com efeito, apenas por que o priva de «chefes que eu eleja e destitua» que a realidade «banal e charra» desta «Pátria que se esgota em quatro caminhadas» lhe dita palavras como estas, num regresso de Espanha, «mal atravessei a fronteira de Portugal foi como se me injectassem de penitência humana, de renúncia cívica, de cepticismo criador». Não; há em Torga, no seu próprio sonhar-se o pastor dos cordeiros esculpidos nos tímpanos das igrejas, a premência duma insatisfação caracterizadamente formal que o hieratismo *sui generis* da sua poesia e o recorte anguloso da sua prosa bem denunciam. A tensão indefinida que subjaz às sucessivas cristalizações do seu estilo não denota apenas o ensaísmo do homem que rodeia e vence o objecto das suas canseiras, mas sobretudo a insatisfação de quem se vê à míngua «duma língua refinada e ágil, que seja um instrumento de captação penetrante do que em nós mais se recusa». Ouso dizer: sente-se em Torga que ele tende a repor o problema da própria língua, insatisfeito ou desiludido com os arranjos precários dos Garrett e dos Eça, o esbracejar dos Fialho e a composição dos Aquilino. É isso que me faz ocorrer a frase alusiva ao «castelhano sem ossos».

Em verdade, tudo pode considerar-se neste caso como se o escritor que veio das fragas de S. Martinho de Anta para a tepidez do Mondego numa época em que a torre de Anto se tornara numa espécie de torre de menagem à opulência dum Eugénio de Castro, tivesse encontrado na dissecção anatómica do seu curso de medicina um símile do trabalho que a língua lhe requeria. Não passa isto de uma maneira de dizer, claro, — mas não são tudo maneiras de dizer? O certo é que Torga me lembra, como escritor, o camponês que, transplantado um dia do seu *habitat* montanhês de terras mal recobrindo a base granítica dos montes para a planura de solo roto, porfiasse em escavá-lo na obcessão de encontrar-lhe uma ossatura. «As palavras é que me desgraçam. Elas é que são o peso morto dos meus dias de poeta» — lê-se neste livro. E não admira assim que, à míngua de rocha soterrada, o escritor acabe, como esse camponês de ignorada fábula, por romper do boreal ao austral, transitando do iberismo como vocação autóctone para o europeimo, seu antípoda, dum *rendez-vous* de humanistas abstractos, «é preciso que a poesia alcance não apenas um indivíduo ou uma classe, mas o Homem». Assim caímos, da tensão de há pouco, em expressões como estas: «a face permanente do circunstancial...»; etc.. Sobre as fragas por ele «colocar um penso astral no concreto desespero...»; «a nossa lúdica presença na terra...»; mesmo socalcadas, o artista visiona o cenário do *cottage* dum Laurence ou da catacumba dum Proust!

É esse o equívoco de Torga que, tendo-lhe embora demarcado um lugar à parte no panorama actual da nossa literatura, o desviou do seu mais espontâneo caminho. À tensão formal a que me referi corresponde de facto um problema mais íntimo: o debate de dois planos insolúveis — o do humanismo concreto que podia ter feito do emigrante de *A Criação do Mundo* um escritor situado no âmbito que vai da obra de Ferreira de Castro à fronteira (ja imprecisa) da de Aquilino, e o do humanismo abstracto que o ambiente presencista lhe incutiu.

Nada mais nítido, com efeito, do que Torga ter constituído no grupo da *Presença* um espécie de corpo estranho — que, longe de provocar na ambiência a reacção que esse nome implica em fisiologia, a sofreu porém. Pois não terá sido o instinto estreme da comunhão primitiva o que marcou as páginas mais representativas da sua obra? Asseguram-no o êxito de *Bichos* e o relevo dos melhores passos de *A Criação do Mundo* e dos melhores contos da *Montanha*. Fora dele, a obra de Torga vive do criticismo a que é bem curioso vermo-lo opôr-se, na pessoa de outros, em certas páginas do presente volume — e no qual é bem patente o sólido bom senso do homem de S. Martinho de Anta, quando o não enrodilha ou entorpece a venalidade do «europeu».

Buscando no plano mítico da «realidade» peninsular uma razão específica de ser, o iberismo abriu uma *fausse route;* tentando apoiar-se num populismo de servos, o nacionalismo envileceu as próprias bases do lar pátrio; pondo o seu alvo em aspirações formais de gratuitidade, o «europeísmo» sujeitou-se ao malogro de quem aponte às águias com espingardas de lata. E, não obstante, o povo aí tem estado, recordando embalde ter sido ele quem construiu a língua em suas bases — enquanto clérigos, fidalgos e burgueses lhe preferiram a latina, a castelhana ou a francesa, por mais adaptadas às necessidades suas próprias através do manejo a que as haviam submetido os seus companheiros de classe de além-fronteiras. O que havia — *e há* — de promessa específica no idioma ficou assim imerso no tartamudear dos que o criaram. E só mediante o crédito alheio ele pôde chegar a oferecer os seus préstimos à literatura. Pois que significam senão isso, ainda hoje, as novidades sintácticas e os enxertos de um Eça, por exemplo, — fruto que são da revisão levada a cabo por um espírito embebido em cultura gaulesa? Inútil, portanto, procurar-lhe a ossatura fora do meio estricto de S. Martinho de Anta! É inútil querer cultivá-lo em terrenos de aluvião, pois só o magro humus que reveste a fraga lhe pertence em verdade. O que há nele de mais veraz é pura latência, que só poderá desabrochar mediante o diálogo paciente e humilde que troque com ele quem tenha a prudente coragem de esquecer a prédica ilusória do universalismo — de puro temor ao cosmopolitismo; a do europeísmo — de puro temor ao rotarismo; etc., etc.. E nesse aspecto a nossa experiência literária, ao invés do que Torga contrapõe aos brasileiros neste seu livro, é tão inicial como a deles.

Só aceitando uma base mítica à realidade se pode resumir a vida «à teimosa procura / Dum singular e único sinal / Que tudo me defina e me resume». *Aceitá-la*, porém, de facto — implica negá-la *como tal*. E o crítico que coexiste em Torga não o permite. Ele não tem ilusões sobre o significado das palavras que usa quando escreve: «cego-me atrás do *fantasma* dum verso que me foge». Daí que, neste plano, o afã de Torga revisto o aspecto paradoxal duma «forma» que se mascara em «essência», virando contra si próprio o gume duma crítica ainda há tão pouco acerada e segura, mas embotada agora pelo mito que postula que a vida «quanto mais fabulosa, mais verdadeira» é. Pena é, assim, que a auto-crítica de que Torga tanto se queixa não saiba, ou possa, ultrapassar os limitadores deste plano formal, pois talvez viesse a fazer do seu *Diário* um testemunho admirável da revisão operada por Adolfo Rocha sobre a obra de Miguel Torga — do qual as páginas agora publicadas sobre André Gide e Teixeira de Pascoaes, por exemplo, são um penhor de possibilidades a que não faltam o rigor da análise e o rigor da síntese. Os psicólogos que digam se terá nesse sentido algum significado o facto de o próprio autor ter experimentado a necessidade de as diminuir e renegar em sua objectividade — pouco depois de sobre elas se ter debruçado tão atento e torturado!

Chávenas de café quase amargo

Redescobrir a pólvora

O facto de outros terem encontrado a verdade não nos dispensa de a procurarmos por nós próprios. A verdade descoberta pelos outros, e por nós aceite, fica-nos quase sempre curta nas mangas.

Só nos assenta bem a verdade por nós redescoberta. Não é actividade improfícua redescobrirmos a pólvora, ou a América.

A nossa dívida aos outros

Ainda está por encontrar o espírito verdadeiramente original. Todos nos ressentimos de influências — sopradas dos mais variados sectores. Do nascimento à morte, se não formos de diamante, nos deixamos permeabilizar por sugestões alheias, vindas do livro, da conversa, do jornal, da convivência carne e osso. Pouco — muito pouco — nos ficaria de pessoal se inventariássemos o que aos outros devemos. Todos estamos em dívida com o nosso semelhante — o de agora e o que passou, o da nossa rua e o dos confins do mundo.

Estilo e perfil moral

O estilo é, geralmente, a expressão da nossa índole pessoal. A um estilo claro corresponde naturalmente a fobia do rebuscado, do complexo, do nebuloso. Não tem estilo grandíloquo o que for gago de aspirações, o mesquinho de carácter. Mostra-me o estilo que tens e eu traçarei o teu perfil moral.

Xenofobia

Cada nação tem a sua alma própria. O que às outras convém, pode a ela desconvir. A xenofobia não é, em muitos casos, uma atitude estudada mas instintiva. Se, como se diz em medicina, não há doenças mas doentes, também nós poderíamos dizer que não há um tipo *passepartout* de nação — mas nações com suas características especiais.

O espírito e o mundo

«Penso, logo existo». Assim dizia o filosofo. «Logo existo...» — e existe, afinal, tudo que me rodeia, podia ele acrescentar. Bem sabemos, que não pensando nós, não tendo um espírito capaz de dar reflexo ao mundo real, este continuaria a existir, mas a existir de uma existência que nada nos interessaria. O mundo é nossa representação — e o nosso espírito é espelho onde ele se reflecte. Quebra-se o espelho, embacia-se o espelho, e, concomitantemente, é como se o mundo para nós se quebrasse ou embaciasse.

Recompõe-se ou desanuvia-se e espelho — e logo o mundo reaparece.

Ser e parecer, aos olhos da multidão

A multidão, como primária do espírito, vai-se toda atrás das aparências exteriores.

Escapam-lhe os valores intrínsecos, medulares. À sua vista de miope passam despercebidos os reais méritos do génio, do talento. Nas criaturas humanas vê apenas o que simbólica e tradicionalmente, representa a grandeza: os vestuários de espavento, a espada à cinta, os penachos, as condecorações.

E daí a razão dos conselhos da pançuda prudência: não basta ser, é também preciso parecer.

O diabo é que são mais os que procuram parecer sem o ser, do que os que são sem o parecer.

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

Casa de Móveis
DE
Luís Moreira da Silva
Gerência de
Francisco Campos
Apresenta um grande e variado sortido de Mobílias restauradas e uma grande diversidade de móveis avulso. — Compram-se e vendem-se móveis aos melhores preços.
Rua do Hospital, 16 — **Montijo**

DESPORTOS

Mais uma carta altamente significativa:

MOTO CLUBE DE LISBOA

(Delegação de Montijo em organização)

Motociclismo, desporto de grande classe

Senhor Director do Jornal «A Província» MONTIJO

Bastante sensibilizado com a atenção dispensada por V. às minhas modestas palavras, sobre Motociclismo, que se dignou publicar no vosso conhecido jornal, sempre pronto a acolher as iniciativas pró-engrandecimento da simpática e florescente vila de Montijo, venho, em primeiro lugar, agradecer a honra que me concedeu.

E porque o meu entusiasmo pelo motociclismo é, na verdade, daqueles que desconhecem dificuldades, e está sempre pronto a marchar frente a todas as possibilidades. que o possam nobilitar e engrandecer, em nome de alguns devotados motociclistas fui recentemente avistar-me com o Ex.mo Presidente do Moto Clube de Lisboa, com o fim de encarar a constituição de uma Delegação do Moto Clube de Lisboa, em Montijo.

Acolheu o senhor Mendo Lobo as minhas intenções com simpatia que não poderei esquecer, e, para me facilitar a missão de criar nesta vila incentivos e angariar sócios, concedeu-me o lugar de correspondente do Moto Clube de Lisboa, em Montijo, encarando a criação de uma Delegação, logo que o número de sócios o justificasse.

Está, pois, aberta de par em par a porta a todas os motociclistas e demais praticantes de desportos motorizados da especialidade, para um caminho seguro de engrandecimento, não só desta briosa vila, que tão galhardamente se comporta com nativos e com filhos de outras terras que aqui se vêm acolher, como também do desporto de que são adeptos e para cujos triunfos têm obrigação de contribuir.

Confio, portanto, que ao meu encontro virão outras boas vontades, concretizando assim uma aspiração que deve ser a de todos: de possuirmos dentro em pouco a sede própria da Delegação do Moto Clube de Lisboa, em Montijo, com suas salas e sua bilblioteca, onde nos possamos reunir em amigável discussão dos muitos problemas do motociclismo, e donde possam sair programas que hão-de proporcionar, sob a Direcção do Ex.mo Senhor Presidente do Moto Clube de Lisboa, boas realizações desportivas e magníficas horas de saudável convívio.

Receba V. mais uma vez, a expressão do meu reconhecimento pela colaboração prestada aos desportos e à viabilidade do seu alargamento, com a publicação de mais esta carta.

(a) **António Carlos Rodrigues**

Do Capacete de Protecção

Transcrevemos, com a devida vénia, parte do artigo «O Scooter», do nosso colaborador José dos Santos Marques:

«Não falta quem ria e faça chacota do capacete de protecção. Há até quem, alheio ao conhecimento de causa e pouco inteligente, critique a sua utilização, principalmente na cidade, — dizem eles. No entanto, é precisamente na cidade que mais desastres fatais ou graves se verificam.

Estuda-se atentamente a obrigatoriedade do uso de capacetes de protecção e oxalá ela venha a verificar-se, porque deste modo teremos a economizar algumas vidas que sempre farão falta ao agregado social da nação portuguesa, e, principalmente, aos elos que deles dependem.

Compete, em primeiro lugar, aos clubes especializados e às secções motociclistas dos clubes desportivos, chamar para o facto a atenção das entidades oficiais. Também os médicos dos hospitais poderão ter a sua participação nesta campanha, porque eles, mais do que ninguém, estão nas melhores condições de falar».

II RALI Motociclista

Organizado pela FNAT e integrado na Feira de Santiago, realiza-se o II Rali de Motociclismo, o qual tem o patrocínio da Câmara Municipal de Setúbal.

Esta segunda prova realizada no país tem partidas em Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.

A chegada a Setúbal realiza-se no dia 29 de Julho, ou seja o primeiro domingo de feira, tendo como ponto de chegada a Avenida Luísa Todi, onde terá lugar uma prova complementar.

Comércio ou Desporto?

Uma prova desportiva não pode, ou não deve, constituir um negócio. Para que o não seja, todavia, impõe-se que a entidade que superintenda na modalidade se imponha.

Claro que não vamos falar de futebol — porque todos nós sabemos que o pontapé na bola é um alto negócio e, portanto, tem um lugar àparte, de privilégio (até mesmo no que respeita a insultos dirigidos ao juiz de campo) e em seu redor há uma série de interesses criados que nem todos compreenderão, certamente, mas que todos nós somos forçados a aceitar e a admitir. De resto, tanto faz que os jogadores sejam vendidos a peso ou à dúzia, se não mesmo a metro ou ao litro; ou que quaisquer outras negociatas tenham lugar. O que será bom, porém, é que o exemplo se não propague a outros desportos.

Tanto nestas colunas, como em vários outros jornais, de um desporto apenas nos temos ocupado e é desse que pretendemos continuar a falar e a escrever.

Afirmámos nós que uma prova desportiva não deve ser um negócio e acrescentamos que nem só os *nababos* devem ter possibilidades de tomar parte nelas.

Isto vem a propósito de uma gincana motociclista realizada recentemente nas Caldas da Raínha (e já vimos outras instituídas nas mesmas bases regulamentares) para a disputa da qual houve «meninos» que, dispondo de muitos escudos, se inscreveram quantas vezes lhes deu na realíssima (ou republicaníssima, tanto faz) gana e isto com manifesto prejuízo para aqueles desportistas mais modestos que não eram tão ricaços, embora tivessem, desportivamente falando, tantas possibilidades como os outros.

Parece-nos que não será desta forma que se efectiva uma boa e sã propaganda do motociclismo. Transformar uma prova aberta a todos numa prova para três ou quatro não deve ser um ponto de vista a defender pela Federação Portuguesa de Motociclismo, nem um princípio de sã moralidade desportiva.

Não poderia a Federação Portuguesa de Motociclismo negar a sua aprovação a regulamentos de provas — quaisquer que fossem — que permitam tal maneira anti-desportiva de proceder?

Talvez que os clubes organizadores pensem lucrar alguma cousa com o facto, mas o certo é que os incautos que apareceram da primeira vez e que, desportivamente, arriscaram o valor da sua inscrição, não voltarão, certamente, a fazê-lo e, deste modo, tais provas ficarão circunscritas a três ou quatro *nababos* endinheirados que, não havendo mais concorrentes, não devem ter muito interesse em repetir as inscrições...

J. Santos Marques

A VILA de Montijo

Estudo histórico-monográfico, social e económico, incluindo completas reportagens retrospectivas e da actualidade.

Toda a vida comercial, industrial, artística, social e mundana de Montijo.

Milhares de fotografias. Dezenas de separatas em tricomia. A mais completa e luxuosa obra feita até hoje sobre a Vila de Montijo.

Uma obra para os jovens aprenderem a amar a sua terra.

Uma obra para os velhos recordarem com emoção.

Uma obra para todos guardarem com religioso carinho.

A vida de Montijo; a vida dos seus habitantes: a vida das suas instituições.

Tudo numa só obra. Uma só obra para tudo.

Fascículos mensais de 18 páginas, impressos a várias cores, em papel especial, e com uma separata em tricomia.

Se ainda não recebeu o Plano e Condições de Venda desta Edição Monumental, peça hoje mesmo aos *Depositários e Distribuidores Exclusivos*: **REPAL, LDA.**, *P. Gomes Freire de Andrade — Telef. 026378 — MONTIJO.*

Que lhes enviarão gratuitamente e sem qualquer compromisso um lindo Folheto de propaganda com a descrição de toda a obra.

Voltas ao Mundo

Por F. E. Oliveira Marques

Toda a gente faz uma ideia do que seja dar uma volta ao mundo.

Às vezes aparecem pessoas que, não lhes bastando isto, querem ir mesmo dar voltas ao mundo!

Eu interesso-me imenso por estes casos extraordinários.

Há várias formas de dar uma volta ao mundo.

Duas delas são as que mais interessa destacar: a primeira é fazer-se constar que se vai dar a volta ao mundo mas não a dar; a segunda é anunciar-se a partida para a volta mas não partir.

Entre a primeira e a segunda não há grande diferença. Apenas se verifica que uma é mais incómoda do que a outra. De facto, se se anuncia uma partida e não se parte, é preciso fazer uma quantidade enorme de adiantamentos, ou então adiar «sine die», o que também é uma solução.

Como se sabe, há soluções que são elegantes e há soluções que não são elegantes. Para se dar uma volta ao mundo são precisas muito poucas coisas: a única importante, porém, é ter muita atenção ao ponto de partida e de chegada, não se vá passar por lá distraìdamente mais do que uma vez e dar assim mais do que uma vez a volta ao mundo, por distracção.

Elaborar o itinerário para uma só volta ao mundo é coisa facílima. Para duas ou três já é pior.

Para uma, procede-se assim: a pessoa interessada começa por comprar, ou pedir emprestado, o chamado «Globo Terrestre».—aquela bola redonda, azulada e com muitos riscos de várias cores que toda a gente conhece da instrução primária; depois entretém-se durante um certo tempo a dar as primeiras voltas ao dito globo; depois, não tem nada que saber; donde é que se parte?

— Tanto faz. Lisboa! — Então pronto, é continuar. Pega-se numa folha de papel e vai disto: «Lisboa *(saída por Cacilhas)* — Espanha — Mar — Grécia — China — Mar — América do Norte — Mar — Lisboa *(entrada por Benfica)*.»

Convém frisar bem que a saída é por Cacilhas e a entrada por Benfica. Assim, logo à entrada, aparecerão fotógrafos, jornalistas desportivos e muito povo a dar palmas!

Não faz mal que a chegada seja a um domingo à tarde. Até calha bem. Pela primeira vez na história da imprensa portuguesa contemporânea, não haverá só notícias de futebol ao domingo à tarde, na segunda-feira de manhã, etc. até sábado. Podem juntar-se deste modo dois sensacionais acontecimentos!

— Espero que as breves considerações que acabo de fazer sobre as Voltas ao Mundo, possam servir para criar em muitas pessoas o desejo de tentarem uma voltinha.

Se não complicarem muito a viagem com estudos inúteis sobre o modo de atravessar os mares, as formalidades para passar fronteiras, as dificuldades para vencer o frio ou o calor, e o dinheiro para todo o resto, então eu garanto que a tentativa se tranformará num enorme êxito!

(De o «Vespa Clube de Portugal»)

Os Jogos Olímpicos

Na antiguidade clássica

Os Jogos Olímpicos fizeram-se, pela primeira vez, na Grécia, e ali foram, sem interrupção, continuados até ao ano 394 da nossa era, ano em que os proibiu o imperador Teodósio.

Eram, de quatro em quatro anos, celebrados em Olimpía, na Élida, cidade de muitos e magníficos templos e monumentos dos quais o mais famoso era o consagrado a Zeus, que ali tinha uma estátua gigantesca, talhada pelo cinzel de Fidias, o mais célebre de todos os escultores da Grécia.

Chamavam-se aos quadriénios que mediavam entre as realizações desses jogos: «Olimpíadas». E se, de começo, eles apenas duravam um dia, mais tarde vieram a durar cinco — cinco dias, em que várias provas de luta, e de corridas a pé e a cavalo, e de carros se disputavam.

Também, de começo, estas imponentes manifestações de força, destreza e beleza apenas se destinavam às populações do Peloponeso. E, nelas, só eram admitidos atletas de pura raça grega. Estrangeiros — só como espectadores. E de escravos, nem sombra — pois nem sequer tinham o direito de penetrar nos recintos onde os Jogos decorriam.

Aos vencedores davam-se-lhes, sòmente, como prémios, uma coroa de folhas de oliveiras e uma folha de palma — símbolos da vitória, nesses tempos augustos. E como vitoriosos, viam também seus nomes proclamados, com retumbância, por toda a Grécia, e tinham, em suas terras natais, recepções de grande pompa e atribuições de vários privilégios.

Mais tarde, atletas de outros povos foram admitidos nos Jogos Olímpicos. E, dessa maneira, progressivamente se amplificaram o quadro e o âmbito dessas competições, nunca, por esse facto, se lhes desrespeitando as suas tradições, que eram nobre herança duma nação de nobilíssimo espírito.

De «Altura»

Aviso

A Empresa do CINE POPULAR previne o público que, em virtude de ter necessidade de ultimar os seus contratos com vista à programação do seu novo Cinema Teatro, a inaugurar ainda este ano, realizará durante os meses de Agosto e Setembro espectáculos diários.

Os preços, exceptuando Domingos, *filmes* em Cinemascópio e o *filme* português «Capas Negras», a exibir em 12 de Agosto e seguintes, serão:

1.ª Plateia	*3$50*
2.ª Plateia	*3$00*
Superior Numerada	*2$50*
Geral	*1$50*

Montijo, 23 de Julho de 1956

A Empresa

do Minho ao Guadiana

Alhos Vedros

Alhos Vedros conta desde o dia 14 de Julho com mais uma colectividade recreativa—O Grupo Recreativo Familiar, situado no bairro Gouveia, desta localidade.

—Pelas 7 horas—houve alvorada com girândolas de foguetes e morteiros, seguindo-se o tradicional hasteamento da bandeira.

—Às 18 horas foi inaugurada a nova colectividade tendo o Snr. Presidente da Assembleia Geral, Snr. José Jorge, na presença de toda a Direcção e grande parte da massa associativa, feito o corte simbólico da fita.

—Às 22 horas realizou-se na esplanada da referida Colectividade um magnífico baile, que foi abrilhantado pela orquestra Continental, e que terminou cerca das 6 horas.

—No Domingo 15, pelas 16,30 horas, realizou-se uma sessão solene a que presidiu o presidente da Assembleia Geral da prestante colectividade, usando da palavra o presidente da Direcção da Soc. Fil. Recreio União, Snr. Fernando Rosa, presidente da nova colectividade, Snr. António Delgado Nunes, Academia Musical Recreativa 8 de Janeiro, Snr. Artur Marques, Soc. Cooperativa Operária de Crédito e Consumo, Snr. Alvaro Negalho, Grupo Recreativo Sporting Chinquilho Arroteense, Snr. Sebastião Valente, representante do Jornal «Diário Popular» Snr. Ferreira da Silva, e por fim o secretário da Assembleia Geral da Colectividade festejada, Snr. Joaquim Rocha Cortez, que entre vários assuntos enalteceu a figura prestigiosa do Snr. José Jorge, grande pioneiro das Colectividades Recreativas, o que a massa associativa, que enchia por completo a sala, sublinhou com uma prolongada salva de palmas.

Seguidamente, foi oferecido a todos os convidados um Porto de honra.

Antes de nos retirarmos, abordámos os presidentes da Assembleia Geral e da Direcção, que nos disseram da sua muita satisfação pela maneira carinhosa como os habitantes do Bairro Gouveia corresponderam à chamada para a fundação da Colectividade do seu Bairro, e ainda pela presença dos representantes das Colectividades congéneres e representantes dos jornais. Quanto a projectos, pensam na ampliação da sede e na criação duma biblioteca.

Á Direcção do Grupo Recreativo Familiar, o jornal «A Província» deseja as maiores felicidades e aqui deixa os agradecimentos pelo amável convite.—«C»

Vila Franca de Xira

Conferência

Na quarta-feira, 25 do corrente, às 21,30 horas, o Engenheiro Martins Galvão, ilustre professor de química do Instituto Industrial de Lisboa, realizou, nos Paços do Concelho de Vila Franca de Xira, uma conferência subordinada ao sugestivo título «Para onde vamos?»

O Conferente foi muito feliz e entusiàsticamente aplaudido pela numerosa assistência.—(C.)

Estremoz

O Orfeão Tomás Alcaide foi a Setúbal

Para realizar um espectáculo a favor do Fundo Distrital da Luta Contra a Tuberculose, foi à cidade de Setúbal, no dia 1 de Julho, o apreciado Orfeão Tomás Alcaide.

Estamos informados de que o Orfeão e seus directores, à chegada a Setúbal, foram recebidos na Câmara Municipal, onde lhes foram dadas as boas vindas, pelo Sr. Presidente da Câmara.

O espectáculo realizou-se às 22 horas, no Salão Recreio do Povo, apresentando o Orfeão um vasto e escolhido programa e uma engraçadíssima comédia musicada, intitulada «O Tio Rico».

O Orfeão foi dirigido por Idalino Cabecinha e o Grupo Cénico pelo Dr. Rogério Peres Claro.

—Está marcado para o dia 5 de Agosto próximo, o almoço de homenagem a este apreciado agrupamento musical que, pela sua extraordinária exibição na cidade de Sétúbal, em 1 de Julho p. p., os seus admiradores promovem no Restaurante Alentejano, desta cidade.

Orquestra Típica Alentejana

Este muito apreciado agrupamento musical, que tantos êxitos tem obtido, acaba de confirmar alguns contratos em várias terras do nosso país.

No dia 29 do corrente às 21,50 a Emissora Nacional, transmitirá o 1.º programa da Orquestra Típica Alentejana, exibido no Palácio dos Desportos, em Lisboa.—(C.)

Canha

Realizou-se no Campo de Patinagem da Casa do Povo, no dia 5 do corrente, uma sessão de cinema,—belo presente que a F.N.A.T. quis dar aos trabalhadores rurais e pessoas de família, desta terra.

O *Filme* foi «Nossa Senhora de Fátima» e a assistência foi de cerca de 900 pessoas, que no final se mostraram agradecidas ao Snr. Delegado do I.N.T.P. deste Distrito—Dr. Bento Parreira Amaral. Como complemento exibiu-se o *filme* «Barcelos» com as suas festas, o seu artezanato, as suas feiras e os seus ranchos folclóricos.

* * *

Realizou-se na Casa do Povo o Curso de Defesa Civil do Território, dirigido por instrutores da Legião Portuguesa. Durante o Curso, que durou mais de um mês, houve sempre muita atenção por parte dos alunos, composto de trabalhadores rurais, comerciantes, artistas e funcionários públicos, terminando no dia 2 no corrente, com os exames a 38 alunos.

Espera-se que um novo Curso para senhoras se inicie em breve.

* * *

O Infantário da Sagrada Família abriu as suas portas à assistência Infantil, no dia 11 do mês findo.

As mães vão para os trabalhos agrícolas de manhã e entregam os filhos no Infantário, voltando à noite a buscá-los, sendo as mesmas assistidas por duas vigilantes que cuidam, com carinho, de todas elas.

Muitas centenas de visitantes têm verificado a bela obra que a Casa do Povo pôs em prática, com a boa ajuda de ricos e pobres, numa compreensão de benemerência social digna de louvor.

* * *

Mais uma escola na nossa freguesia, situada no alto das Fazendas da Craveira Sul, em Pegões, cujas salas de aula foram cedidas gratuitamente, para esse fim, pelo snr. António Ferreira Moleiro. A Câmara Municipal de Montijo já mandou todo o mobiliário e, graças à boa vontade do—Director Escolar, Snr. Professor Barreto Mendes, a nova Escola começará a funcionar no próximo mês de Outubro, devendo-se este importante melhoramento à assistência dada ao assunto, junto da Direcção Escolar e da Câmara Municipal, pelo ilustre médico desta vila, Snr. Dr. Manuel Maurício.—(C)

Organizações Progresso

AGENCIA PUBLICITÁRIA

Apresenta semanalmente, no Clube Radiofónico de Portugal, todas as 3.as feiras e sábados, respectivamente às 13 e às 22 e 15 horas o programa radiofónico

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do desporto e a favor do desporto. Produção associada de: Fernando de Sousa, Fernando de Lacerda e Veríssimo Alves. Brevemente novos programas e novas rubricas. Para a sua publicidade consulte

Organizações Progresso

Av. de Roma, 207, 3.º-Esq.º LISBOA

N.º 16 Folhetim de «A Província» 26-7-956

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

De que lhes tinham servido, afinal, aquelas culturas todas,—ciências macabras e profundas, sempre mergulhados em trigonometrias e logaritmos, de cérebros aos estalidos e rugas precoces?

Qualquer daqueles três, numa «operação» de instantes e de «cafés», alcançava maiores proventos de que os *doutores* em anos de labuta!

Valeria a pena tanto estudo e tanto esgotamento, e fazer da profissão um sacerdócio? Valeria a pena tanta honestidade, tanto escrúpulo quando o mundo escarnicava dos sérios e todo se curveteava perante a veniaga dos aventureiros, embora salafrários doutrora?

O principal era ter dinheiro, muito dinheiro, quanto mais dinheiro melhor, sempre dinheiro,—como dissera Bourget, porque automàticamente se tinha competência, consideração, valor e o mais.

No entanto, ele, ainda que assim fosse, nunca abdicaria da sua personalidade. Faria sempre por honrar o seu nome e os dos seus, e poria acima da força metálica a força do trabalho e a supremacia da inteligência. Nada o desviaria da linha de conduta que traçara; e, houvesse o que houvesse, só à voz da consciência obedeceria, só por ela orientaria as suas acções, sem se importar que nos outros planos da sociedade triunfasse a ambição desmedida dos felizes da sorte.

Nunca se esqueceria também da humildade da sua origem.

Seu pai,—pobre funcionário público, sofrera horas amargas para que ele podesse terminar o curso. Passara necessidades, fazia escritas particulares e outros serviços, andava mal vestido e de tacões cambados, trabalhava até altas horas das noites, pouco dormia e alimentava-se sòbriamente—; mas nunca deixara de ser honesto em todos os actos da vida, nunca ninguém lhe apontara qualquer deslize ou falta de seriedade.

E à custa desses sacrifícios e das suas canseiras conseguira, finalmente, formar-se.

Recordava agora os últimos tempos, de quando lhe tinham concedido a «Bolsa de Estudo» para completar lá fora a sua instrução profissional,—por ambientes estranhos, com «Mimís e fomes» pelas mansardas, desilusões e malhoadas, nómada em terra alheia, nostálgico do seu país distante e saudoso da família que o adorava.

E de quando lhe chegara a notícia telegráfica da morte do pai, dum laconismo amarescente que o deixara tórpido, amarroado por longo espaço, sem saber que resolução tomar.

E de quando regressara mais tarde, e viera encontrar a mãe e a irmã em más circunstâncias, vivendo da costura e de expedientes, num quarto alugado ao alto dum quinto andar, onde a higiene e o conforto pouco se notavam.

Depois passava em revista a luta iniciada para vencer na vida, consciente de que devia corresponder aos sacrifícios do pai com maiores sacrifícios ainda, para que a situação melhorasse e o resto da família tivesse aquele mínimo de bem estar que por direito humano lhe pertencia.

E essa luta fora, efectivamente, titânica.

Ninguém o conhecia, ninguém lhe dava trabalho, e à sua roda era o constante borbulhar de egoísmo.

Vira-se obrigado a tomar conta de serviços secundários, a servir de auxiliar de colegas bem colocados que, por compaixão e camaradagem, o encarregavam de ninharias para ganhar misérias.

Até que um dia se lhe deparara a ocasião de se «lançar» e conseguira, finalmente, que nele reparassem.

Uma construção perigosa que os outros não aceitaram por comodismo e por fartura, abriu-lhe as portas da celebridade.

Daí em diante nunca mais lhe faltou trabalho, e agora era sempre chamado quando a coisa avultava ou trazia responsabilidades graves.

(CONTINUA)

Pelo Mundo Fora...

Revista da imprensa estrangeira

POR **Jorge Ramos**

■ Em Chipley, Flórida, existe uma família numerosa, a família Pate, cujos treze filhos têm nomes com todas as iniciais do alfabeto, a saber:

Alan Benjamim, Clara Delia, Elizabeth Fanny, Gustavus Houston, Ida Josephines, Kince Lee, Millord Napoleon, Oma Pearl, Quinton Rebecca, Sydney Thomas, Uria Vandesbilt, William Xavier, e Yvette Zabony.

— (do *Tercuman* — Istambul).

■ O monarca que possui mais valiosas jóias é o «qui kowar», de Baroda, pois um só dos seus colares tem 500 diamantes do tamanho duma noz, guarnecido por magníficas esmeraldas.

— (de *L'Eco di Bergamo*).

■ Depois de longos trabalhos, os arqueólogos anunciam que encontraram a cidade de Herocles Minta, fundada por Minos, rei de Creta. As ruínas da famosa cidade, desaparecida há mais de dois mil anos, descobriram-se em Benevento, na Sicília.

— (do *Al Commah* — Tétuan).

■ O incêndio de Roma, provocado por Nero, não apagou todos os vestígios do seu reinado sinistro: prosseguem nessa cidade, sob a direcção do professor Lanciani, os trabalhos de restauração da «Domus Aurea».

As escavações estão muito longe de acabar; mas os resultados são já prometedores. Os jogos de luz sobre as paredes, cobertas de uma espessa camada de tinta avermelhada, a arquitectura ousada, os vestígios de pinturas mitológicas com motivos fantásticos, as escadarias sumptuosas, agora restauradas, provocam admiração. Este imenso palácio era revestido de mármore, as paredes com chapas de nácar e incrustações de pedras preciosas.

— (do *Town Journal* — Montreal).

■ O país em que os caminhos de ferro atingem as maiores altitudes é nos Estados da América do Sul, principalmente nos pontos mais elevados da cordilheira dos Andes. O Chile e a Bolívia possuem caminhos de ferro a 5.000 metros de altitude. Segue-se o Peru com 4.000.

— (de *Kleine Zeitung* — Estraburgo).

■ A expedição científica norte-americana, que presentemente procedeu a escavações próximo às minas de Babilónia, encontrou sob o templo de Nabucodonosor, túmulos reais construídos há seis mil anos.

— (do *Rosenheim Volsblatt*).

■ Na ilha de Cuba foi pescada há tempos uma tartaruga com mais de 500 anos, o que se reconheceu pela espessura da casca.

— (de *Camberra Times*).

■ Os minaretes da Turquia começaram a ser utilizados como torres para antenas de rádio, e alguns «muezzins», em vez de gritarem do alto desses minaretes, convidando os fiéis à oração, como era costume, fazem agora esse convite da própria mesquita, por meio de um microfone e de um alto falante.

— (do *Spandaner Volksbatt*).

■ O principado de Mónaco — país com 149 quilómetros quadrados — vai aumentar o seu espaço em 650 metros... A terra adjudicada à pequena nação é conquistada ao mar.

— (do *Vaart Land* — Oslo).

■ Um médico de Portland, construiu um aparelho especial para medir a velocidade da tosse. Trata-se de uma câmara fotográfica combinada com Raio X que tira 60 fotografias por segundo, e um medidor colocado na boca do paciente para medir o ar expelido. Chegou à conclusão de que a tosse atravessa a traqueia a uma velocidade equivalente à do som. Ao chegar à garganta, decai para 160 quilómetros à hora, e ao sair da boca é apenas de 24 quilómetros horários.

— (do *Corriere del Mattino*).

■ O conhecido quiromante francês Camilo Melprune revelou que 25 por cento das mulheres que o consultam, mostram-se interessadas em saber quando lhes falecerá o marido...

— (do *Oeste* — Mendoza).

■ Actualmente a penetração mais profunda na terra é um poço petrolífero, localizado na região ocidental dos E. Unidos, e que avança cerca de 6.400 metros através de camadas geológicas desconhecidas. O estudo dessas camadas, porém, já se tornou possível, segundo afirma o Dr. Robert Souglens, graças aos equipamentos utilizados para a produção de diamantes artificiais, e que permitem criar condições semelhantes às que predominam a 400 quilómetros abaixo da superfície da terra. O instrumento empregado para esse estudo é um aparelho que permite manter durante horas uma pressão de 680 quilos, por 6.45 cm quadrado, e a temperatura de 3.315 graus (temperatura e pressão idênticas existem a 400 quilómetros abaixo da superfície da terra). Para se ter uma ideia aproximada dessa pressão, sugerem os cientistas que se considere uma moeda suportando o peso de duas locomotivas.

— (do *Franckfurt Nachtansgabe*).

■ O Hotel Kamerun, em Indianópolis abriu recentemente um bar onde a entrada só é permitida às mulheres. Os homens só terão a entrada franqueada quando acompanhados por uma senhora...

— (da revista *Crucero* — Buenos Aires.)

■ Começaram a utilizar-se, na Califórnia, máquinas para fertilizar o solo por meio de electricidade. São dotadas de um aparelho gerador de corrente, de 110 vóltios, alimentado por um motor a gasolina, e possuem diversos eléctrodos que são arrastados ao longo do terreno.

— (do *Gazet van Antwerpen*).

■ Samuel Lupescu, mendigo de 62 anos, foi há pouco condenado pela 106.ª vez, por praticar a mendicidade. A sentença foi sempre a mesma: dois meses de prisão.

— (do *Carlino* — Bolonha).

■ O Parlamento da República Federal Alemã possui hoje 48 mulheres deputados, das quais apenas 11 são diplomadas por curso superior. A idade média das parlamentares é de 50 anos.

— (do *Helsingen Sanomat* — Helsínquia.

■ Os médicos da Escola Médica de Haward estão a estudar um método de tratar tumores do cérebro, expondo o paciente directamente às radiações de uma pilha atómica.

— (de *Franckfurter New Press*).

Curiosidades...

Seis maneiras de alimentar o mundo

Uma das maiores autoridades das Nações Unidas, o brasileiro Dr. Josué de Castro, Presidente da Organização da Agricultura e dos Alimentos, afirma categòricamente que a ciência está a triunfar na batalha dos alimentos.

O Dr. Castro menciona seis importantes soluções para tão grave problema:

1) *Alimentos sintéticos* — Uma fábrica de Jamaica está a produzir, diàriamente, cinco toneladas de proteínas por meio da «alimentação» de fermento e por meio de melaço. A substância resultante pode ser dado qualquer paladar — até mesmo o da carne.

2) *Alimentos provenientes do mar* — Neste processo, o fermento constitui, de igual modo, a grande esperança do futuro. Em tanques cheios de água do mar, são criadas vastas quantidades duma planta marinha chamada clorela que é utilizada, depois, na «alimentação» de células vivas de fermento.

Qualquer fábrica que utilize este método, poderá produzir tanto alimento como 60.000 hectares de terrenos férteis.

3) *Alimentos provenientes da fauna marinha* — A produção de peixe pode ser consideràvelmente aumentada mediante a alimentação de peixes, em tanques, com hormonas de crescimento e resíduos alimentares quìmicamente tratados.

4) *Alimentos produzidos por plantas novas* — No Brasil, descobriu-se agora que duas plantas, pouco conhecidas, constituem «as mais abundantes fontes de cálcio e vitamina A de todo o mundo». Com uma delas, a bromélia, pode confeccionar-se uma refeição quinze vezes mais rica em cálcio do que o leite. A outra, o buriti, pode ser cultivada em qualquer terreno e é extremamente rica em óleos vitaminados.

5) *Alimentos produzidos na selva* — Acaba de ser descoberta uma nova hormona de crescimento, a «2 4-D», que combate eficazmente o maior inimigo da África Central — a desmedida multiplicação das plantas selvagens.

6) *Alimentos criadoe no Artico* — Alguns especialistas em genética deliberaram «ensaiar» as plantas a suportar invernos rigorosos.

Presentemente, algumas plantas «aprenderam» já a desenvolver-se quase sem o auxílio dos raios solares. Na vizinhança do círculo Ártico, criam-se já certas variedades de trigo, batatas e cenouras de tipo hibernal.

FUJIYAMA

A subida ao monte Fuji, o sagrado Fujiyama, é peregrinação muito em valia entre nipónicos; exequível apenas durante o fim de Julho e todo o mês de Agosto, quadra que corresponde à grande força dos calores neste país. A' chusma indígena, algum estrangeiro ocasionalmente se reune.

Os que lá vão contam após as próprias impressões, inolvidáveis, do espectáculo imponentíssimo, quando, cerca da cratera, entre terra e céu, tendo aos pés vagos amontoamentos de nuvens pardacentas, contemplam as divinas auroras, os sublimes ocasos, vaporizados no fundo do azul imenso. Poucos lá sobem, porém, relativamente. No entanto, a parábola graciosíssima da montanha e a alva cabeleira do vértice, constituída por eternas neves, avistadas do mar alto desde longa distância, avistadas do solo em treze províncias ao redor, são bem conhecidas do japonês, e também do estranho que pisa o solo de Nipon. Para mais, a literatura e a arte empenharam-se em divulgar profusamente a maravilha, aqui, em toda a parte. Na boceta de charão, no bule de porcelana, no círculo da ventarola, na face do biombo, em mil outros artigos, vos aparecerá frequentemente o traço do Fuji. Não se poderia mesmo conceber o Japão sem este monte: ele é, por assim dizer, o símbolo heráldico deste país de deliciosas quimeras, de requintados exotismos...

Venceslau de Morais

As nossas sensacionais entrevistas

UM POUCO de PARÓDIA

Por Claro Lopes

JACAROLA vai falar da Bola

Chegou ontem Jacarola — aquele jogador estrangeiro que todo o mundo conhece mas que ninguém sabe quem é — com destino ao Estoira Canelas Futebol Clube.

Como o presente número de *«Um Pouco de Paródia»* é dedicado à bola, não quisemos deixar passar a ocasião e fomos assistir à sua chegada, conseguindo esta entrevista.

Fomos recebidos amàvelmente por Jacarola que se encontrava em mangas de camisa, por causa dos últimos calores que tem feito. Começámos por lhe perguntar:

— Então, que tal a negociata?

— Não é grande coisa. 5.000 «dele», com mais prémios de jogos e outras alcavalas, deve ir aí a 8 contitos...

— Sabe jogar à bola?

— E preciso?

— Claro que é! Então você, seu Jacarola, julga que é só receber essas «fanfas» todas e ficar a ver os outros a jogar? Cá não há disso!...

— Era o primeiro?

— Não pensa abandonar o Estoira?

— Evidentemente que não. Então julgam que eu não tenho amor à camisola que visto, nem que seja pela primeira vez? Ainda lhes digo mais: hei-de muitas vezes sair com a camisola encharcada...

— De suor, evidentemente?

— Estava a pensar noutra coisa, por acaso.

— Mas consta-nos que há outro clube que está também interessado na sua aquisição e que até dá mais dinheiro...

— Não sei de nada; mas diga, diga por favor qual é o outro clube... vocês compreendem: não estou para me perder!...

— A sua estreia no futebol faz-se agora no Estoira?

— Qual história! No meu país já joguei em 24 clubes e sempre com êxito. O que tenho, é sido sempre um incompreendido... Ah, mas eu viro-lhes as costas... Sabem: não papo grupos! percebem?

— Qual o lugar que mais gosta de ocupar?

— Mesmo ao centro, na bancada central...

— Não é isso. Queremos dizer qual o lugar na equipa.

— Ah, sim. Bem vêem, modéstia à parte, em qualquer lugar jogo bem. Mas, claro, se não jogar a nenhum lugar e ganhar as «massas» tanto melhor! Não é por ser calão. É feitio meu.

— Já extraiu algum menisco?

— Sim, evidentemente. Mas não precisava. Porém, um jogador para ser bom jogador tem que extrair o menisco. Dá categoria!...

— Fuma e bebe?

— Oh, não. Muito obrigado, mas eu tenho tabaco. Quanto a beber: já matei o «bicho»...

— Queríamos dizer se faz a verdadeira vida de atleta.

— Ah! Pois claro. Não tenho é muita ocasião para isso. E mesmo, sabem, não se nota. Com o andar disfarça!

— Apoia a diagonal?

— Não jogo geomètricamente. O meu sistema é meia bola e força. Mais força que bola.

— Conhece o nosso futebol?

— Pouco. Mas têm-me dito maravilhas: que têm ganho todos os jogos internacionais que jogam e folgadamente. Sei, também que todos os campos são relvados...

— Gosta da relva?

— Quem é que julgam que sou?

— Queríamos dizer se prefere os campos relvados aos carecas...

— Gosto mais dos carecas...

— Ah, você é desses!...

Agora, para terminar, diga-nos Jacarola:

Gosta mais dos golos de cabeça ou daqueles metidos com os pés?

— Sou-vos franco: gosto mais dos golos dum bom carrascão do Cartaxo!

— Estamos satisfeitos. Boa carreira e muitos desses golos. Muito obrigado!

Record Sensacional!

1 Milhão em circulação!

Atestando a preferência que todo o mundo dá à

VESPA

O PRIMEIRO SCOOTER DO MUNDO

Agentes Exclusivos:

MARPAL, L.DA

MONTIJO